

Negociatas geram perda de US\$ 4 bi

econ. Brasil

Rio — São US\$ 4 bilhões por ano que vão pelo ralo. Essa cifra é quanto o Brasil perde nas transações de compra e venda de moeda estrangeira feitas entre pessoas físicas e instituições financeiras do País com instituições no exterior. Além da perda anual, os brasileiros detêm cerca de US\$ 60 bilhões em contas e investimentos no exterior. Grande parte desses recursos é oriunda de caixa dois das empresas, através da sonegação de impostos, subfaturamento de exportações e superfaturamento de importações.

Fora o caixa dois, uma parcela do dinheiro sujo que descansa nas contas dos brasileiros no exterior é fruto de corrupção, tráfico de entorpecentes e armas, prostituição, jogo do bicho e contribuição de campanhas eleitorais, como explicam banqueiros e fontes da Polícia Federal.

Lavagem — Mais do que nunca, a lavagem de dinheiro sujo está na ordem do dia. Um ano depois do estouro do caso PC Farias, a desco-

berta de mais de US\$ 500 mil do deputado João Alves em contas no exterior e de quase US\$ 3 milhões em malas na casa do economista José Carlos Alves dos Santos trouxeram a discussão novamente à tona. Uruguai, Miami, Ilhas Cayman e Nova Iorque são alguns dos destinos preferidos dos brasileiros que retiram dinheiro do País. A Receita Federal calcula que 30% dos US\$ 8,5 bilhões em depósitos bancários no Uruguai sejam feitos por brasileiros. Parte dessa cifra saiu via mercado paralelo do dólar, através das operações cabo, sem deixar rastros. Outra fatia foi enviada legalmente, em cruzeiros ou em dólares pelo câmbio turismo ou pelas contas CC-5 (previstas na carta circular nº 5 do Banco Central), criadas para não-residentes, mas usadas por brasileiros.

Pecado — Aos olhos da lei, investir no exterior não é pecado. Qualquer cidadão brasileiro pode remeter cruzeiros para fora oficialmente, desde que os declare em seu Im-

posto de Renda. As circulares 2.242 e 2.243 do BC, datadas de outubro de 1992, regulamentam essas remessas. Como o cruzeiro é, na prática, conversível em países fronteiriços, como Uruguai, Paraguai e Argentina, os investidores utilizam esses mercados para mandar dinheiro para fora, onde é devidamente convertido em moeda forte. Esse mecanismo ajudou os brasileiros a formarem um patrimônio de 150 mil imóveis em Miami, nos últimos anos. Isso, muito antes de o governo autorizar a compra de imóveis no exterior, o que só ocorreu em outubro deste ano, com a publicação da circular nº 2.370 do Banco Central.

Segundo um agente federal americano, os brasileiros têm cerca de US\$ 20 bilhões em depósitos nos Estados Unidos. Há estimativas ainda de que, só nos últimos três anos, saíram do País cerca de US\$ 3 bilhões, e quase todo esse dinheiro foi para o mercado de imóveis da Flórida, em especial o de Miami.

Depósitos no Uruguai chegam a US\$ 2,6 bi

São Paulo — A Receita Federal calcula que 30% dos US\$ 8,5 bilhões em depósitos bancários no Uruguai (US\$ 2,5 bilhões) são feitos por brasileiros. Parte desse dinheiro saiu via mercado paralelo do dólar, através das operações cabo, sem deixar rastros. Outra fatia foi enviada legalmente, em cruzeiro ou em dólares pelo câmbio turismo ou pelas contas CC-5, criadas para não-residentes e usadas por moradores do País. Também há o dinheiro que nem entrou no País e foi gerado pelo subfaturamento de exportações por companhias nacionais. A Receita acredita que o subfaturamento atinge 30% das exportações brasileiras, algo em torno de US\$ 10,5 bilhões por ano.

O dinheiro "sujo" também circula no País através das contas fantasmas, que chegam a quase 10% dos 40 bilhões existentes nos bancos. Os técnicos da Receita estimam que os depósitos nessas contas chegam a 15% do dinheiro movimentado no País. Só em aplicações, o volume atingiria algo em torno de US\$ 17 bilhões, de um total de US\$ 115 bilhões da poupança financeira registrada no Banco Central.

Além do dinheiro que fica, há o que sai e volta camuflado, através dos fundos de investimento em bolsas brasileiras. Acredita-se, no mercado financeiro, que boa parte dos recursos enviados para as bolsas locais são de investidores brasileiros com recursos no exterior.

Os dólares tupiniquins são ainda aplicados nos eurobônus emitidos por empresas e bancos no exterior. É sabido que os bancos estrangeiros com representação no País e os bancos nacionais com agências lá fora oferecem, aqui, aplicações dolarizadas, como eurobônus e certificados de depósitos.